

ACONTECIMENTO E INSTANTE DECISIVO NO DISCURSO FOTOGRAFICO: DESCONSTRUINDO EFEITOS IDEOLÓGICOS ÓBVIOS EM UMA FOTOGRAFIA

Dionéia Motta Monte-Serrat¹
Leda Verdiani Tfouni²
Leny Pimenta³

RESUMO: Propomos a utilização do conceito de instante decisivo, da fotografia, para desconstruir os efeitos ideológicos óbvios encontrados no discurso do sujeito. Para tanto, partimos da compreensão de que o sujeito se constitui na enunciação e é dividido; seu discurso é opaco, passível de diversas significações. A fotografia, como obra de arte, desestabiliza o já-formulado e obriga o sujeito à interpretação, ocasião em que a emergência de algo novo desloca as fronteiras das formações discursivas e produz novo efeito de sentido, inesperado, instante decisivo que desloca o sujeito para o sentido outro. O conceito, desenvolvido por Pêcheux (1988), de condições de produção, comporta relações de contradição com a homogeneidade lógica do “exterior” discursivo, permitindo que seja instalada a regularidade e, ao mesmo tempo, a instabilidade dos sentidos do discurso, remetendo-o ao equívoco, ao acontecimento. Para ilustrar a articulação entre o instante decisivo da fotografia e o acontecimento discursivo será analisada uma fotografia de Sebastião Salgado, registrada no Brasil- “O berço da desigualdade está na desigualdade do berço” (CAPES, FAPESP, CNPq). PALAVRAS-CHAVE: discurso, subjetividade, ideologia, instante decisivo, fotografia.

ABSTRACT: The concept of the Decisive Moment in photography is proposed to deconstruct the obvious ideological effects found in the subject's discourse. To that end, we depart from the understanding that the subject is constituted in enunciation and that it is divided; its discourse is opaque and susceptible to various significations. Photography, as a work of art, destabilizes what has already been formulated and forces the subject to interpret, an occasion when the emergence of something new displaces the boundaries of discursive formations and produces a new and unexpected effect of meaning, a decisive moment that dislocates the subject to another meaning. The concept of production conditions developed by Pêcheux (1988) comprises relations of contradiction with the logical homogeneity of the discursive “exterior”, thus allowing for regularity to be installed and, at the same time, for the instability of discourse meanings, leading to mistake, to the event. In order to illustrate the articulation between the decisive moment of photography and the discursive event, a photograph by Sebastião Salgado, which is registered in Brazil - “The cradle of inequality is in the inequality of the cradle”, will be analyzed (CAPES, FAPESP, CNPq).

KEY-WORDS: discourse, subjectivity, ideology, decisive moment, photography.

¹ Doutora em Psicologia pela FFCLRP-USP, CAPES-BEX 4394/10-0, Doutorado Sanduíche na Sorbonne, set/dez 2010, sob co-orientação do Prof. Jean-Jacques Courtine; estágio na EHESS, Paris, fev 2012, sob orientação do Prof. Marcello Carastro, FAPESP 09/54417-4, membro do Grupo de Pesquisas AD-Interfaces, cadastrado no CNPq, di_motta61@yahoo.com.br

² Professora Titular Sênior da FFCLRP-USP, Pesquisadora do CNPq, lvtfouni@usp.br.

³ Mestranda em Linguística pela Universidade de Franca – UNIFRAN; membro do Grupo de Pesquisas AD-Interfaces, cadastrado no CNPq, lenypi@yahoo.com.br; pesquisadora do Observatório da Educação-UNIFRAN, ligado a CAPES; Diretora Presidente da Escola Monteiro Lobato-COC Ensino Médio, Franca, SP, leny@cocfranca.com.br

1. PRIMEIRAS CONSIDERAÇÕES

O conceito de *instante decisivo* foi desenvolvido por Cartier-Bresson (2009a), fotógrafo francês:

Photography is an instantaneous operation, both sensory and intellectual - an expression of the world in visual terms, and also a perpetual quest and interrogation. It is at one and the same time the recognition of a fact in a fraction of a second and the rigorous arrangement of the forms visually perceived which give to that fact expression and significance (BRESSION, 2009a)⁴

Esse acontecimento de a fotografia captar e, ao mesmo tempo, fixar um instante fugidio, para Bresson (2009b), só se torna possível porque há a atuação da intuição do fotógrafo.

Pensando esse conceito de instante decisivo em um texto científico sobre a cadeia discursiva, podemos afirmar que sua possibilidade de vir a acontecer se deve ao fato de que o sujeito é dividido por seu próprio discurso, ou seja, de que existe o sujeito do inconsciente emergindo entre os significantes; ele “escapa” sem se dar conta daquilo que o constitui (LACAN, 2009). Segundo Pêcheux (2002), no discurso existe um *universo logicamente estabilizado* construído pelos efeitos ideológicos da interpretação linguageira. Essa estabilidade discursiva é desfeita no discurso opaco do sujeito, que apresenta diversas significações e não uma só. Assim como a fotografia, como arte, desestabiliza o óbvio, captura o olhar e obriga o sujeito a interpretar, o discurso, como acontecimento, desestabiliza o já-formulado, desloca as fronteiras das formações discursivas e produz novos efeitos de sentido, inesperados. É o que chamados de instante decisivo no discurso do sujeito, ou seja, algo, na cadeia discursiva, funciona como um jogo metafórico que traz a equivocidade.

O conceito de condições de produção desenvolvido por Pêcheux (1988) tem importância crucial na compreensão do que é o instante decisivo na cadeia discursiva. Para Pêcheux (op. cit.) as enunciações do sujeito fazem parte da

⁴ Fotografia é uma operação instantânea, sensorial e intelectual – uma expressão do mundo em termos visuais e também uma eterna busca e interrogação. É a um só e mesmo tempo o reconhecimento de um fato numa fração de segundo e o rigoroso arranjo das formas percebidas visualmente que dão a esse fato expressão e significação (BRESSION, 2009a, tradução nossa).

constituição do discurso e influenciam os efeitos de sentido do dizer. São consideradas condições de produção do discurso o contexto imediato das circunstâncias de enunciação, o contexto sócio-histórico, o ideológico e, também, no aspecto psicanalítico, as formações do inconsciente. O sujeito, ao enunciar, ocupa *lugares* sociais predeterminados e se constitui em sujeito do discurso; é assujeitado pelas circunstâncias de sua enunciação, por relações de força que se fazem valer na comunicação (ORLANDI, 1999, p. 39). Podemos afirmar que as condições de produção do discurso abrigam uma semântica discursiva, determinada, simultaneamente, pelo processo de inscrição da história no discurso do sujeito – pois a fala é determinada de fora da vontade do sujeito, por relações ideológicas - e, também, determinada pela constituição psicanalítica do sujeito. Levamos em conta que o assujeitamento ideológico e a constituição psicanalítica se aproximam nos processos de constituição do sujeito (MONTE-SERRAT, 2009) e, para compreender o instante decisivo na cadeia discursiva é preciso compreender que há, simultaneamente, um assujeitamento por determinação histórica (PÊCHEUX, 1988) e por determinação constitutiva do sujeito (LACAN 1998).

Pêcheux (2002, p. 28) descreve o funcionamento do *estatuto das discursividades* com o entrelaçamento de *proposições de aparência logicamente estável, suscetíveis de resposta unívoca (é sim ou não, é x ou y, etc) e formulações irremediavelmente equívocas* e, para ele, a dificuldade em estabelecer as fronteiras entre esses dois espaços traz como consequência o *caráter oscilante e paradoxal do registro ordinário do sentido*.

À compreensão do funcionamento discursivo que comporta oscilações e ambiguidades, podemos acrescentar o conceito pêcheutiano de formações discursivas (FDs), cujas fronteiras são deslocadas quando da produção de novos sentidos no discurso. Explicando melhor: as palavras, quando enunciadas, adquirem um sentido porque se relacionam a posições ideológicas que já existem no processo sócio-histórico. Essas posições ideológicas são definidas como um conjunto complexo de atitudes e representações que não são nem individuais, nem universais, mas dizem respeito, mais ou menos diretamente, às posições de classe em conflito. Cada formação ideológica (FI) pode compreender várias formações discursivas (FDs) interligadas. Quando o

sujeito usa a linguagem, os sentidos apreendidos nesse momento não são únicos, “transparentes”, mas são resultado de um processo em que a língua, a história e a ideologia se entrelaçam.

Quando Pêcheux (1988) sustenta o conceito de sujeito como um lugar social constituído pela história e influenciado pela ideologia (que determina o que pode e o que deve ser dito), explica que este último ocupa sua posição-sujeito conforme a formação social e as formações discursivas (FD) em que está inserido (PÊCHEUX, 1988, p. 161) e se *reveste da forma de existência histórica de qualquer indivíduo, agente das práticas sociais*; o sujeito se identifica com uma formação discursiva que o constitui e recebe o sentido como evidente (PÊCHEUX, 1988, p. 157).

Segundo Pêcheux (1988), o sujeito constitui-se pela ideologia e pelo inconsciente, dentro de dois esquecimentos:

Concordamos em chamar de esquecimento nº 2 ao “esquecimento” pelo qual todo sujeito-falante seleciona no interior da formação discursiva que o domina, isto é, no sistema de enunciados, formas e sequências que nela se encontram em relação de paráfrase – um enunciado, forma ou sequência, e não um outro, que, no entanto, está no campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada.

Por outro lado, apelamos para a noção de “sistema inconsciente” para caracterizar um outro “esquecimento”, o esquecimento nº 1, que dá conta do fato de que o sujeito-falante não pode, por definição, se encontrar no exterior da formação discursiva que o domina. Nesse sentido, o esquecimento nº 1 remete, por uma analogia com o recalque inconsciente, a esse exterior, na medida em que – como vimos – esse exterior determina a formação discursiva em questão (PÊCHEUX, 1988, p. 173, grifos do autor).

Pêcheux (1988) afirma que, no esquecimento nº 1 (inconsciente), o sujeito ignora que há um discurso preexistente ao seu; e, no esquecimento nº 2 (pré-consciente), o sujeito supõe que aquilo que diz é exatamente correspondente ao que pensa. No conceito de esquecimento, Pêcheux inclui a categoria lacaniana de inconsciente, que remete ao grande Outro.

A noção lógica e filosófica de sujeito foi dada por Lacan, dentro de sua teoria do significante, em que toma o sujeito da consciência como o sujeito do inconsciente, da ciência e do desejo:

Foi em 1960, em “Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano” que Lacan, apoiando-se na teoria saussureana do

signo linguístico, enunciou sua concepção da relação do sujeito com o significante: “Um significante é aquilo que representa o sujeito para outro significante”. Esse sujeito, segundo Lacan, está submetido ao processo freudiano da clivagem (ROUDINESCO, 1998, p. 742).

[...] [Lacan] definiu o inconsciente como o “discurso do outro” e, mais tarde, como o Outro (com maiúscula), lugar de um significante puro onde se marca a divisão (clivagem) do sujeito (ROUDINESCO, 1998, p. 377).

Pêcheux adota, para a teoria da Análise do Discurso (AD), a seguinte relação que Lacan faz entre sujeito, linguagem e inconsciente:

Lacan enfatizou que o inconsciente [tem] “a estrutura radical da linguagem” [...]: “O inconsciente é estruturado como uma linguagem”, seguido de uma outra formulação: “A linguagem é a condição do inconsciente”. A ideia lacaniana de uma primazia da linguagem – e, portanto, do significante – repousa no dado primordial de que o indivíduo não aprende a falar, mas é instituído (ou construído) como sujeito pela linguagem. A criança, portanto, é sujeitada logo de saída a uma ordem terceira, a ordem simbólica [...] Por ser captada num universo significante, a criança começa a falar muito antes de saber conscientemente o que sua fala diz: “A linguagem, portanto”, escreve Joël Dor, “aparece como a atividade subjetiva pela qual *dizemos algo totalmente diferente do que acreditamos dizer naquilo que dizemos*. Esse ‘algo totalmente diferente’ institui-se, fundamentalmente, como o inconsciente que escapa ao sujeito falante, por estar constitutivamente separado dele” (ROUDINESCO, 1998, p. 378, grifos da autora).

As formações discursivas (FDs), segundo a Análise do Discurso (PÊCHEUX, 1988), têm a função de instalar a regularidade nos discursos e, ao mesmo tempo, a instabilidade dos sentidos do discurso. Isso acontece pelo fato de remeterem a determinado arquivo que não depende de uma determinada “leitura” imposta do exterior. Esse funcionamento instala o equívoco incessantemente, podendo desencadear outro sentido ao que já existia, algo escapa ao sentido preexistente. A esse fenômeno, Pêcheux (2002) denomina acontecimento e nós propomos chamar de instante decisivo na cadeia discursiva, numa tentativa de explicar seu funcionamento consciente e inconsciente. Tentaremos ilustrar a articulação teórica do instante decisivo discursivo com a análise de uma fotografia de Sebastião Salgado (SALGADO&BUARQUE, 2006), cuja legenda é: *O berço da desigualdade está na desigualdade do berço.*

2. VER E OLHAR UMA FOTO

Utilizando a fotografia abaixo



SALGADO& BUARQUE, **O berço da desigualdade**, p. 92-93, 2006.

Sebastião Salgado (SALGADO&BUARQUE, 2006) capta um instante que atrai o olhar, não a visão do sujeito. Visão e olhar são conceitos divergentes, segundo Quinet (2002), pois o olhar provoca separação entre aquilo que é observado cotidianamente daquilo que é insólito. Na cadeia discursiva, paralelamente, o acontecimento provoca uma disjunção entre o que seria o sentido comum da palavra e o sentido novo. Ao afirmar, a respeito da fotografia colocada acima, que *o berço da desigualdade está na desigualdade do berço*, Sebastião Salgado (op. cit., p. 92-93) faz um jogo de palavras que trazem novos sentidos à palavra berço; faz também um jogo, como se as palavras *berço da desigualdade* e *desigualdade do berço* estivessem refletidas em um espelho. Essa semântica discursiva, funcionando fora de uma sintaxe comum e associada à foto, em lugar de passar despercebida provoca uma reação no leitor; provoca a desconstrução de um *universo logicamente*

estabilizado (PÊCHEUX, 2002, p. 8), em que as aparências, as evidências, o óbvio são postos em questão, para estranhar o que foi naturalizado pelos efeitos ideológicos.

Temos o sujeito como suporte dessas interpretações e, por esse motivo, levamos em consideração, também, que os sentidos lhe escapam; de que pode haver subversão de fronteiras das formações discursivas; de que uma falha constitutiva impede que essas fronteiras sejam encerradas num espaço compacto (MAINGUENAU, [2007] 2011).

Pelo lado do fotógrafo, o instante decisivo se refere a um momento fugaz em que a deriva parece deter-se. Sua câmera, ao congelar um momento, exclui os demais momentos que poderiam ser ali registrados. A arte de sua foto é afetada pela estabilidade, mas não deixa de ser, paradoxalmente, afetada pelo insólito. A estabilidade, cremos, está na perspectiva da visão. O insólito, na pulsão escópica do olhar.

O fotógrafo consegue captar, congelar um momento que passaria despercebido ao observador, porque capta, no momento da fugacidade, o instante do olhar. Cremos que a compreensão do instante decisivo está fortemente vinculada à diferença entre visão e olhar, podendo dar-nos uma pista sobre o que seria o mais-de-olhar, encoberto pela imagem que *reina nas relações entre os indivíduos no palco do mundo [...] em que, como num baile à fantasia, cada um se veste com sua 'persona'* (QUINET, 2002, p. 126).

Segundo Lacan ([1974-1975] *apud* QUINET, op. cit., p. 131), o imaginário é o registro da consciência e do sentido, e existe uma clivagem entre o simbólico e imaginário, a partir da estrutura do campo escópico, que estabelece a esquizo entre olhar e visão. Para Lacan (1998, p. 74), a falta constitutiva do sujeito é encoberta pela imagem que, *por definição, é sempre completa, inteira, uma vez que a falta não tem imagem e não há imagem alguma possível daquilo que falta*. No entanto, algo retorna para rivalizar com essa harmonia do imaginário decorrente da pulsão escópica: *o duplo não é um fenômeno do espelho e sim do escópico, [...] é a presentificação do 'mais-de-olhar'* (QUINET, 2002, p. 140).

Diante dessas considerações, podemos afirmar que a diferença entre ver e olhar a fotografia a que nos referimos se relaciona à perspectiva de

observar, nessa mesma foto, algo que ela não mostra, algo que está fora do campo visual. Esse acontecimento pode ser melhor explicado por meio do conceito de intericonicidade, desenvolvido por Courtine, em que o autor lembra que existe um *já-dito* nas imagens; que existe imagem sobre imagem (COURTINE, 2010).

Quando Sebastião Salgado (SALGADO&BUARQUE, 2006, p. 92-93) acrescenta à foto o comentário *O berço da desigualdade está na desigualdade do berço*, traz, ao sujeito observador, lugares interditados à fala; desnaturaliza lugares sociais a ela destinados pela ideologia. O espaço ideológico (da visão) reservado à criança que está aprendendo a escrever sobre a mesa e as supostas igualdade e inclusão social garantidas pela alfabetização criam uma barreira que busca encobrir o paradoxo da desigualdade de condições em que essa criança, e as que estão sob a mesa dormindo, se encontram. A arte do fotógrafo, ao congelar esse instante, está em provocar um olhar a mais sobre a foto que desconstrua seu “consenso” e a ilusão de um *mundo semanticamente estabilizado* (PÊCHEUX, 2002); traz à tona contradições impostas pela ideologia dominante.

Pensar a imagem como um ato simbólico e o corpo como seu suporte nos leva a *‘instituir uma nova prática de percepção’, ou seja devemos pensar a ‘imagem viva do vivente’ [...] uma imagem no lugar de outra* (MONTE-SERRAT&TFOUNI, 2012, p. 52) de modo que o olhar ganhe nova dimensão e permita a constituição de outra imagem sobre a que é vista “claramente”.

Paralelamente, no campo discursivo, não há discurso sem sujeito. É o sujeito do discurso que delimita um continuum experiencial e, ao delimitar momentos na cadeia discursiva, ele atribui sentidos, interpreta. Nesse momento o sujeito elimina a deriva, numa ilusão momentânea de que não existiriam outros sentidos possíveis e de que ele estaria “captando” o real. Esse lugar de estabilização e de desejo de controle, segundo Tfouni (2004, p. 93), *acaba presa do ‘equivoco da língua’, do deslizamento de sentidos, dos rearranjos de significantes que resultam do processo de interpretação.*

O jogo metafórico usado por Sebastião Salgado (2006) - *a desigualdade do berço está no berço da desigualdade* - associado à sua fotografia, traz à tona um sujeito afetado pela estabilidade e, ao mesmo tempo, pelo insólito. O

fotógrafo tem a ilusão de que controla a deriva ao, supostamente, estabilizar os sentidos e congelar o instante que capturou sua atenção; ele tem a sensação de que detém o acontecimento no continuum. O que traria o efeito de instante decisivo nessa cadeia, prolongando a interpretação, levando a novos sentidos, pensamos, é a pulsão escópica, a pulsão do olhar (não da visão), que institui o insólito. Cremos que a diferença entre ver o que a foto mostra “claramente” e olhar a foto com um olhar a mais vincula-se à questão da pulsão escópica, que, por sua vez, está ligada não ao tempo cronológico, mas ao tempo lógico, ao tempo do instante e da fugacidade, o instante do olhar em que o *tempo é lógico e [o] espaço, topológico* (QUINET, 2002, p. 60). Na cadeia discursiva é a *lalangue [...] agindo sobre a língua* (TFOUNI, 2004, p. 93), que *sai da ordem do que liga para a ordem do que distingue; é da ordem da dispersão, do que não faz unidade* (LEMOS, 1994 *apud* TFOUNI, op. cit., p. 93).

3. O INSTANTE DECISIVO DISCURSIVO

Retomamos o conceito de formação discursiva (FD) (PÊCHEUX, 1988) relembando que se relaciona à produção de enunciados que obedeçam às mesmas normas de formação e que remetam a uma mesma formação ideológica (FI). Assim compreendida, a formação discursiva (FD) determina o que pode e deve ser dito a partir de um lugar social historicamente determinado. Nesse caso, as palavras, quando enunciadas, adquirem um sentido porque se relacionam a posições ideológicas que já existem no processo sócio-histórico, demarcado por FIs. Pêcheux (op. cit.) afirma que os processos discursivos se desenvolvem sobre uma base linguística e se inscrevem numa relação ideológica de classes fundada na contradição. Assim, Pêcheux contempla, no conceito de formação discursiva (FD), uma dissimulação, pela transparência do sentido, da ideologia. Essa base contraditória da relação ideológica dissimulada pela transparência do sentido produz instabilidade e heterogeneidade nas FDs, pois algo *fala sempre, antes, fora ou independentemente* (interdiscurso) e influi na constituição do sujeito e dos sentidos no processo discursivo (PÊCHEUX, 1988, p. 147). A instabilidade leva ao deslocamento das fronteiras da FD, que se associa a outras

formulações *que ela repete, refuta, transforma, nega, enfim, em relação às quais produzem-se certos efeitos de memória específicos* (GREGOLIN, 2011).

É nesse trabalho de lembrança ou silenciamento de enunciados que o discurso se relaciona com a história que o constitui e determina. Com estreita dependência das redes de memória e dos trajetos sociais em que o discurso irrompe, este carrega a *possibilidade de uma desestruturação-reestruturação dessas redes e trajetos* (TFOUNI, 2004, p. 92), pois, como esclarece Pêcheux (1990, p. 56-57 *apud* TFOUNI, *op. cit.*), *todo discurso é o índice potencial de uma agitação nas filiações sócio-históricas de identificação, na medida em que este se constitui ao mesmo tempo um efeito dessas filiações e um trabalho de deslocamento no seu espaço*. A reorganização dos enunciados desloca o sentido do discurso para o sentido outro, levando em conta de que o seu “suporte” é o sujeito e que este está inserido em um contexto sócio-histórico; que existe uma memória sob a história (PÊCHEUX, 1988), um heterogêneo discursivo que traz instabilidade aos sentidos do discurso. Os sentidos não podem ficar sempre em deriva, o sujeito busca, ao interpretar, estabilizar o sentido no momento de sua escolha. O instante decisivo discursivo estabelece, por um momento, o paradoxo do sentido determinado que abre para outros sentidos, o acontecimento. Ele não traz clareza de sentidos, mas obscuridade, ambiguidade de sentidos ligando, materialmente (ou seja, no discurso), ideologia e inconsciente, fazendo sobressair a equivocidade do sentido do enunciado (PÊCHEUX, 2002, p. 22). O instante decisivo discursivo opera de modo a articular ao discurso *pontos de impossível* (*op. cit.*, p. 29), algo que não está ali naquele instante, que foge ao sentido preexistente e vem instalar a deriva de sentidos.

Se existe no fotógrafo a intenção de estabilizar sentidos, isso não ocorre. Sua fotografia, como toda estrutura semiótica, continua sujeita aos pontos de impossível e, portanto, à deriva. Pêcheux (2002, p. 51) explica que há algo estrutural na materialidade discursiva que é da ordem do simbólico e faz com que o sentido se transforme, escape a qualquer norma estabelecida a priori e seja tomado *no relançar indefinido das interpretações*, apresentando um *caráter oscilante e paradoxal* (*op. cit.*, p. 52). Quando o sujeito interpreta, não o faz de maneira desregulada, pois, nesse caso, as *redes de memória* dão lugar

a *filiações identificadoras* (PÊCHEUX, 2002, p. 54-55), que colocam o *discurso-outro como espaço virtual de leitura desse enunciado*, marcado, este último, pelo espaço social e pela memória histórica.

A fotografia de Sebastião Salgado está marcada pelo espaço social e pela memória. Quando o sujeito a interpreta, não há uma única interpretação (esta faz parte da ilusão do fotógrafo), pois a rede de memória traz outros sentidos num espaço virtual de leitura e o sujeito intérprete é um sujeito em movimento na história e na língua. A significação está do lado do sujeito que vê, que interpreta; e não do lado do objeto. Quando o sujeito atribui sentidos à fotografia, algo escapa, que são os pontos de impossível do real.

4. REGULARIDADE E INSTABILIDADE DO INSTANTE DECISIVO DISCURSIVO

O instante decisivo discursivo nos intriga por abrigar o paradoxo da regularidade e instabilidade. Como é possível instalar sentido no discurso e, ao mesmo tempo, levá-lo à deriva, ao sentido outro? Como é possível fixar a visão da foto e provocar o movimento do olhar a mais? A fotografia de Sebastião Salgado traz imagens que se opõem (em cima da mesa, em baixo da mesa) que remetem ao plano metafórico de que o estudo tem salvação, de que está acima, de que há esperança. A frase *a desigualdade do berço está no berço da desigualdade* remete a sentidos divergentes; de um lado “berço” é metáfora, do outro, substantivo. A palavra berço traz a ideia de berço esplêndido do interdiscurso, região do sentido de rico-pobre, de berço de ouro, deriva de sentidos que mostram o engajamento político do fotógrafo ao trazer à tona o contexto sócio-histórico em que a fotografia foi registrada, criticável sob o ponto de vista social.

Bresson (*apud* GURAN, 2002, p.17-18), com sua arte no fotojornalismo, foi capaz de unir visão e olhar em seu trabalho ao, simultaneamente, *reconhecer o fato em si e organizar rigorosamente as formas visuais percebidas para expressar seu significado*. Reconhecemos, no instante decisivo discursivo, o caráter paradoxal, que apresenta a estabilidade de sentido vista “claramente” quando uma FD delinea o campo enunciativo,

quando o ato de escrever fornece, ao autor a ilusão da materialidade do pensamento (PÊCHEUX, 1993 apud TFOUNI, 2004, p. 89) e, ao mesmo tempo, a instabilidade da equivocidade desse sentido que vem de outra ordem, da ordem do olhar da história, da memória discursiva, visto que o “suporte” onde tudo isso acontece é o sujeito, dividido por seu próprio discurso: *sou onde não penso* (LACAN, 2009); o sujeito fica *sem controle daquilo que pretende que seja exato, isso porque a passagem dos significados aos significantes não é automática, não está ‘já-lá’, pronta para ser encontrada [...] seu desejo de objetividade e de controle choca-se com a duplicidade de ser ao mesmo tempo sujeito do discurso* (TFOUNI, 2004, p. 91).

REFERÊNCIAS

BRESSON, H., **Tête à Tetê**, Portraits by Henry Cartier-Bresson. Acesso em 23 de outubro de 2009a. Disponível em <http://www.npg.si.edu/exh/cb>.

_____, **Portal da fotografia**. Acesso em 23 de outubro de 2009b. Disponível em _____ em http://www.portaldafotografia.com/detalhes_publicacoes.php?publicacoes=19.

COURTINE, J., **Discours et images**, cours à l'Université Sorbonne Nouvelle Paris III, septembre à octobre, 2010.

GREGOLIN, M. **Formação discursiva, redes de memória e trajetos sociais de sentido**: mídia e produção de identidades. Acesso em 11 de abril de 2011. Disponível em _____ em <http://www.uems.br/na/discursividade/Arquivos/edicao02/pdf/Maria%20do%20Rosario%20Gregolin.pdf>

GURAN, M., **Linguagem fotográfica e informação**, Rio de Janeiro: Ed. Gama Filho, 2002.

LACAN, J., **Séminaire 22 – RSI** (Inédito), 1974-1975.

_____, **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

_____, **Enciclopédia lacaniana de psicanálise**. Disponível em: <http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&sl=en&u=http://nosubject.com/Cogito&sa=X&oi=translate&resnum=2&ct=results&prev=/search%3Fq%3Dcogito%2Blacan%26hl%3Dpt-BR%26client%3Dfirefox-a%26channel%3Ds%26rls%3Dorg.mozilla:pt-BR:official%26hs%3Dxr5%26sa%3DG>. Acesso em 11 de janeiro de 2009.

LEMOS, C., **Processos metafóricos e metonímicos no funcionamento discursivo**. Conferência proferida no Departamento de Psicologia e Educação FFCL de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 1994.

MAINGUENAU, D., Formação Discursiva: unidades tópicas e não-tópicas, *In* BARONAS, R.,(org) **Análise do discurso**: apontamentos para uma história da noção-conceito de formação discursiva, São Carlos: Pedro & João Editores, 2007. Disponível em http://www.letras.ufscar.br/linguasagem/edicao02/02r_sfs.php. Acesso em 10 de julho de 2011.

MONTE-SERRAT, D. **Letramento e discurso jurídico**, pró-forma de tese para exame de Doutorado Direto em Psicologia pela FFCLRP-USP, orientadora Profa. Dra. Leda Verdiani Tfouni, Ribeirão Preto, 2009.

MONTE-SERRAT&TFOUNI, Imagem e sujeito no rito jurídico, *In* **Redisco**, Universidade Federal do Sudoeste da Bahia (UESB), MILANEZ, N., HASHIGUTI, S., KOGAWA, M. (orgs.), Vitória da Conquista, BA: Edições UESB, agosto-dezembro, 2012, v.1, n.1, p. 48-55. Disponível em <http://periodicos.uesb.br/index.php/redisco/article/viewFile/896/815>

ORLANDI, E. **Análise de Discurso**: Princípios e Procedimentos, Campinas: Pontes, 1999.

PÊCHEUX, M., Lecture et Mémoire: Project de Recherche, *In* **L'inquiétude du discours**, Paris : Ed. Cendres, 1990.

_____, Análise automática do discurso, *In* GADET, F.&HAK,, T., (orgs) **Por uma análise automática do discurso**, Campinas: Ed. UNICAMP, 1993.

_____, **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio, trad. Eni Orlandi, Campinas: Editora da Unicamp, 1998.

_____, **Discurso**: estrutura ou acontecimento?, Campinas: Pontes, 2002.

QUINET, A., **Um olhar a mais**, Rio de Janeiro: Ed. Jorge Zahar, 2002.

ROUDINESCO, E., **Dicionário de psicanálise**, trad. Vera Ribeiro, Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1998.

TFOUNI, L. V., **Letramento e alfabetização**, São Paulo: Cortez, 2004.

SALGADO, S. & BUARQUE, C., **O berço da desigualdade**, Brasília, UNESCO: Ed. Grupo Santilhana, 2006.